

PATRIMÔNIO CULTURAL, FESTA E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE CERTIFICAÇÃO QUILOMBOLA NA COMUNIDADE DO BARRANCO DE SÃO BENEDITO (2010-2016)

Karollen Lima da Silva*¹

Resumo: Pretendemos analisar o processo de certificação e seus desdobramentos no Quilombo Urbano do Barranco de São Benedito, localizado no bairro da Praça 14 de Janeiro, na cidade de Manaus, estado do Amazonas. A comunidade se formou a partir da migração de maranhenses e ex-escravizados em fins do século XIX da cidade de Alcântara, no estado do Maranhão, para a região amazônica. Com a vinda desses grupos negros teriam sido trazidas suas manifestações culturais e religiosas, entre elas estaria o festejo de São Benedito que foi a primeira comemoração realizada por esses sujeitos na espacialidade da Praça 14 de Janeiro, que à época não era urbanizada. Dessa forma, teve início a festividade em honra ao santo preto que tem atuado há mais de um século como um espaço de sociabilidade negra, de “pertencimento e inclusão” das famílias maranhenses e seus descendentes no período pós-abolicionista (RIOS; MATTOS, 2004, p.191). A festa de São Benedito tem sido transmitida de geração a geração na comunidade do Barranco e foi um aspecto primordial para a efetivação do seu reconhecimento como Quilombo Urbano em 2014 pela Fundação Cultural Palmares (FCP). Segundo Martha Abreu (2007, p.3) “o processo de emergência de novas comunidades quilombolas estaria estreitamente associado ao movimento paralelo de patrimonialização da cultura imaterial identificada com populações afro-brasileiras”. Nesse sentido, consideramos a agência dos quilombolas do Barranco na mobilização de suas histórias e memórias, bem como do patrimônio cultural para construção e legitimação de suas identidades étnicas, tendo em vista o alcance de políticas públicas de reparação. Para análise desse processo, utilizaremos os relatos orais tendo em vista apreender esse acontecimento a partir de uma ótica interna, incorporaremos ainda a legislação, os documentos oficiais e os registros familiares de forma complementar.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPHR), orientanda do professor Álvaro Nascimento, bolsista CAPES, email: karollensilva@yahoo.com.br

Palavras-chave: titulação quilombola – comunidade do Barranco de São Benedito – festividade – patrimônio cultural– identidades étnicas

Introdução

Este artigo objetiva analisar o processo de certificação quilombola e seus desdobramentos na Comunidade do Barranco de São Benedito. A comunidade negra se constituiu a partir da vinda de migrantes maranhenses ex-escravizados e libertos em fins do século XIX da cidade de Alcântara, no estado do Maranhão para a cidade de Manaus, que teriam se estabelecido na espacialidade do bairro da Praça 14 de Janeiro.

Nesse primeiro momento teria sido trazida por Maria Severa Nascimento, ex-escravizada, a imagem de São Benedito. A partir disso, constituiu-se a devoção ao santo preto que foi a primeira festividade realizada por esses migrantes maranhenses que buscavam constituir formas de pertencimento e inclusão na sociedade pós-abolicionista. A devoção de São Benedito tem sido transmitida de geração a geração e foi um dos fatores que possibilitou a certificação quilombola da comunidade negra pela Fundação Palmares em 2014.²

Para a compreensão desse processo, partiremos da legislação referente à auto definição de quilombolas, considerando os aspectos da construção identitária e sua relação com o patrimônio cultural. Pretendemos no empreendimento dessa análise a utilização dos relatos orais dos quilombolas, tendo em vista apreender esse acontecimento de uma ótica interna, utilizaremos ainda os documentos oficiais, as etnografias produzidas sobre o festejo do santo preto, realizadas por de Mario Ypiranga Monteiro³ e Jamily Souza da Silva⁴ e os registros familiares de forma complementar.

Desenvolvimento

² RIOS, Ana Maria e MATTOS, Hebe. *O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas*. Topoi, v.5, n.8, jan.-jun.2004, p.170-198.

³MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Cultos de Santos & festas profanos religiosos**. Manaus: Imprensa Oficial, 1983.

⁴ SILVA, Jamily Souza. **A festa de São Benedito no bairro da praça 14**. In: SAMPAIO, Patricia (Org.) *O fim do silêncio: presença negra na Amazônia*. Belém: Editora Açai/ CNPq, 2011.

O artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Brasileira de 1988 garantiu a propriedade definitiva das terras ocupadas pelos remanescentes de quilombos, comunicando ainda o dever do Estado na emissão de seus títulos respectivos. A regulamentação desse dispositivo veio através do decreto 4887 de 20/11/2003 onde foi apresentado o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras quilombolas.

No dispositivo legal, foram considerados remanescentes de quilombos “os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência histórica sofrida”. A partir desse trecho, podemos considerar que o critério que mobilizaria a caracterização desses remanescentes de quilombo seria a auto atribuição da própria comunidade, e nesse sentido é importante compreender como a identidade étnica será ativada por esses grupos para o estabelecimento de uma diferenciação em relação ao resto da sociedade.

Na perspectiva de Fredrik Barth os grupos étnicos seriam categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios atores, tendo a característica de organizar a interação entre as pessoas, demonstrando dessa forma, o não isolamento dessas comunidades em relação à sociedade.⁵ A composição da identidade étnica desses remanescentes de quilombo incorporaria a diferença cultural - baseada em valores e significações próprias dos grupos - estabelecendo a constituição e a manutenção de suas fronteiras étnicas. A partir desse aspecto, poder-se-ia definir os limites entre os considerados de dentro e os de fora, utilizando processos de exclusão e inclusão.⁶

As questões levantadas demonstram a atenção aos processos identitários que tem de ser compreendidos em seus contextos, considerando principalmente a sua dimensão política.⁷ A construção da identidade étnica se baseia em um passado comum, em modos de fazer e viver, levando em conta as experiências individuais e coletivas e o

⁵ BARTH, F. Grupos Étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. Teorias da etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth, Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenard. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998, p.189.

⁶ Ibid. p.189.

⁷ OLIVEIRA FILHO, João Pacheco(org) Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais, Rio de Janeiro, Mana 1998, p. 57.

compartilhamento de uma série de características que incluem o aspecto fenotípico, cultural, entre outros. Devemos compreender como os remanescentes de quilombo acionarão essa etnicidade à medida que mobilizam o patrimônio cultural.

O patrimônio cultural seria o que o conjunto social considera como cultura própria sustentando a sua identidade e os diferenciando de outros grupos, sendo que o mesmo incluiria não apenas os bens de “pedra e cal” como os monumentos históricos, o desenho urbanístico e outros bens físicos, mas também os bens imateriais ou intangíveis que se constituem pela a experiência vivida, suas linguagens, conhecimentos, tradições imateriais, modos de usar os bens e os espaços físicos.⁸

Para Martha Abreu/Hebe Mattos o processo de emergência de novas comunidades quilombolas ainda que gestado majoritariamente em contextos de conflitos territoriais, apresenta-se hoje estreitamente associado ao movimento paralelo de patrimonialização da cultura imaterial identificada com populações afro-brasileiras.⁹ Em grande medida, esses patrimônios se relacionam com as vivências de grupos africanos e afrodescendentes durante a escravidão e no pós-abolição, baseadas em costumes, valores, modos de fazer, entre outros. Para a valorização e reconhecimento de tais devemos considerar a importância do decreto 3551/2000 que instituiu o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem o patrimônio cultural brasileiro, para catalogação e valorização dessas manifestações culturais, bem como de seus os modos de vida.

As novas formas de se conceber a condição de patrimônio cultural nacional tem permitido que diferentes grupos sociais, utilizando as novas leis e o apoio de especialistas, revejam as imagens e alegorias de seu passado. Passem a decidir sobre o que querem guardar e definir como próprio e identitário, através de festas, músicas e danças, tradição oral, formas de fazer ou locais de memória.¹⁰

Nesse sentido, devemos pensar que o conjunto dessa legislação viabilizou a sistematização de histórias e memórias, a afirmação de vivências e práticas culturais,

⁸ GARCIA, Canclini, N. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.23, 1994, p. 99.

⁹ ABREU, M. e MATTOS, H. “Remanescentes das Comunidades dos Quilombos”: memória do cativo, patrimônio cultural e direito à reparação. In: Mauad, Almeida e Santhiago, *História Pública no Brasil*. São Paulo, Letra e Voz, 2016. p.4, p. 3.

¹⁰ *Ibidem*. p.4

bem como o próprio o processo de construção identitária. Consideramos ainda o papel ativo dos remanescentes de quilombo que ao mobilizar uma identidade étnica no contexto social buscam alcançar políticas públicas de reparação. No caso do quilombo do Barranco de São Benedito, são evocadas as memórias dos mais velhos sobre a comunidade e a manifestação festivo-religiosa em honras ao santo preto que legitimam a identidade étnica quilombola.

A comunidade do Barranco de São Benedito foi constituída a partir da vinda de migrantes maranhenses e ex-escravizados no ano de 1890 para o Amazonas.¹¹ Entre eles estavam Maria Severa Nascimento Fonseca, ex-escravizada, que veio com seus três filhos que se chamavam Manoel, Antão e Raimundo trazendo a imagem de São Benedito.¹² Além deles, teria vindo seu amigo Felipe Nery Beckman ¹³ acompanhado de Maroca Beckman que era sua esposa.¹⁴

Ao chegar em Manaus, estabeleceram- na zona compreendida entre o bairro da Cachoeirinha, a Vila dos Ingleses e o Centro de Manaus. O local à época era cercado por árvores, não possuindo saneamento básico, luz elétrica, entre outros serviços de abastecimento. Paulatinamente outros migrantes maranhenses se instalariam nessa mesma área constituindo uma comunidade negra que inicialmente será conhecida como colônia dos maranhenses ou reduto dos negros.

Boa parte desses migrantes foram trabalhar em construções da cidade de Manaus, como o Reservatório do Mocó, a Ponte Sete de Setembro e o Teatro Amazonas, hoje consagrados como locais históricos.¹⁵ As mulheres teriam exercido

¹¹ Não tem se tem um consenso acerca do ano da vinda dos migrantes maranhenses, há narrativas que relatam que essa chegada teria sido bem antes, contudo, majoritariamente nos relatos orais tem sido apresentado o ano de 1890 enquanto marco dessa migração.

¹² A imagem esculpida em pau d'angola era originária de Portugal e foi transportada para o Maranhão, onde passou a ser cultuada por escravizados e libertos.

¹³ Segundo Maria de Lourdes Fonseca, conhecida como Tia “Lurdinha” que teria sido uma das organizadoras do festejo do santo preto, Felipe Beckman era seu avô, maranhense e descendente de barbadianos. Na edição 11.963 do jornal A crítica de 1984 também foi apresentada uma associação de seu sobrenome com o movimento dos Beckman ocorrido no Maranhão, em fins do século XVII.

¹⁴ SILVA, Jamilly Souza. A festa de São Benedito no bairro da praça 14. In: SAMPAIO, Patricia (Org.) **O fim do silêncio: presença negra na Amazônia**. Belém: Editora Açai/ CNPq, 2011, p. 175-176.

¹⁵ ASSOCIAÇÃO CRIOULAS DO QUILOMBO. **Biografia de Maria Severa Nascimento Fonseca “Vó Severa”**. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=347554538921544&set=a.121209734889360.1073741830.10010010011947&type=3&theater>. Acessado em 30 de janeiro de 2017.

ofícios como lavadeiras, passadeiras, quitadeiras e cozinheiras, compreendemos que essas experiências demonstraram a agência desses grupos na construção de suas cidadanias e liberdades durante o pós-abolição.¹⁶ Um aspecto importante da manutenção dos mesmos foram os espaços de sociabilidades constituído pelas festas e associações.

A festa de São Benedito especialmente foi comemorada pelos grupos maranhenses e teria sido iniciada a partir de uma promessa realizada por Felipe Beckman ao santo preto. Na etnografia de Mario de Ypiranga Monteiro, apresenta-se que devido aos arranhões de um gato louco, Beckman teria prometido ao santo preto que se ficasse curado, realizaria o festejo em honras ao santo com mastro e procissão.¹⁷

Dessa forma, primeira festividade teria sido realizada na cidade de Alcântara, no estado do Maranhão. As etapas festivas se constituem pela retirada do mastro da mata, seu enfeitamento com folhagens e fruta, o enterramento do mastro, a realização de novenas e por fim a procissão que encerra o ciclo festivo. A princípio, o festejo tinha relação com as religiões de matrizes africanas e o santo preto era celebrado através do tambor de crioula. Com a vinda desses grupos para a cidade de Manaus teriam incorporado os batuques que já eram presentes em muitos festejos de santos do local, paulatinamente com a morte dos mais velhos os cultos afros deixaram de ser realizados e a devoção se aproximou das formas mais católicas.¹⁸

Com a morte de Felipe Beckman a festividade passou a ser realizada por Raimundo Nascimento Fonseca que era filho de Maria Severa que teria trazido a imagem de São Benedito. Posteriormente seria sua filha mais velha Bárbara Fonseca quem assumiria a direção do festejo e após sua morte, quem teria ficado responsável pela direção da festa foi sua irmã caçula Maria de Lourdes Fonseca, conhecida como Tia Lurdinha. Nesse momento a festa teria se popularizado mais na cidade, devemos

¹⁶ Os “griots” tinham a função de transmissão e preservação da história, principalmente na área da África Ocidental. O termo foi ressignificado na comunidade negra, onde atualmente os mais antigos tem sido os principais narradores da memória e história da comunidade de São Benedito. O levantamento dessa memória tem sido realizado principalmente pela associação de mulheres da comunidade Crioulas do Quilombo, criado em 2014 após a certificação da fundação Palmares. A associação foi a materialização da luta política empreendida na busca pelo reconhecimento quilombola.

¹⁷ MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Cultos de Santos & festas profanos religiosas**. Manaus: Imprensa Oficial, 1983, P.236.

¹⁸ SILVA, Jamily Souza. A festa de São Benedito no bairro da praça 14. In: SAMPAIO, Patricia (Org.) **O fim do silêncio: presença negra na Amazônia**. Belém: Editora Açai/ CNPq, 2011, p. 175.

salientar ainda que “Tia Lurdinha” marcou significativamente a comunidade através do seu exemplo de devoção a São Benedito.

Após o seu falecimento em 2003 seria sua sobrinha Jacimar Souza da Silva que estaria à frente da festividade, posteriormente devido a uma enfermidade a mesma teria passado a obrigação da festa no ano de 2010 para Jamily Souza da Silva, que é coordenadora do festejo atualmente.¹⁹ O festejo enfrentou transformações ao longo do processo histórico, ainda assim, continuou sendo realizado pela comunidade negra “A festa na longa duração, assim como a podemos analisar através dos séculos, não é uma estrutura fixa, mas um continuum de mutações, de transições, de inclusões com uma das mãos e afastamos com a outra.” (VOVELLE, 1987, p.251).

Nesse processo de mudanças da festividade devemos levar em conta o processo de modernização que teve um impacto significativo na comunidade modificando sua espacialidade, as formas organização e os modos de vida em geral. A festa de São Benedito é um espaço de sociabilidade que permitiu reunir as famílias maranhenses e seus descendentes. A devoção ao santo preto tem sido realizada há mais de um século na comunidade e foi um dos fatores que possibilitaram o reconhecimento como quilombo urbano pela Fundação Cultural Palmares (FCP) em 2014, somada a mobilização da comunidade para que o mesmo se concretizasse.

O processo de reconhecimento teria iniciado a partir da intervenção do Ministério Público Federal (MPF) na comunidade do Barranco. Á época estava sendo desenvolvido o projeto MPF em movimento com o intuito de ampliar o contato com a sociedade civil manauara, principalmente na região metropolitana. A partir disso, foram realizadas visitas e debates nas comunidades e movimentos sociais da capital e nos municípios próximos, tendo em vista a permanência do MPF nos espaços de debates no Estado, principalmente envolvendo temas de sua atribuição.

Houve um interesse do MPF em saber como viviam os comunitários e teria sido marcada uma visita à Praça 14 de Janeiro. A visita na comunidade de São Benedito teria acontecido no início do mês de novembro do ano de 2013 com a presença do procurador Júlio Araújo Júnior acompanhado de uma comitiva com cerca de 16 funcionários do

¹⁹ Ibid. p.177.

órgão. Dessa forma, teve-se a oportunidade de dialogar com as pessoas acerca das histórias e memórias da comunidade, segundo a coordenadora dos festejos de São Benedito Jamily Silva:

Na época eles tinham um projeto chamado MPF em movimento, onde eles visitavam as comunidades, as comunidades é ribeirinhas, quilombolas e aí ele veio e se encantou em saber da história né ele fez várias perguntas, todos eles fizeram várias perguntas, quanto tempo tava aqui, a história da festa de São Benedito, a história das tradições que tinham e tem no bairro da Praça 14 e aí foi quando ele falou a gente tinha tudo pra ser uma comunidade quilombola certificada pela Fundação Palmares e aí que a gente foi procurar né saber, estudar o que era um quilombo porque e tal, lá na lei de 2003 e tal, 4887 e a partir daí muita coisa mudou né na comunidade e nas vidas das pessoas mesmo né.²⁰

Além de o MPF ter empreendido a conscientização da comunidade acerca de seus direitos, estabeleceu uma cláusula para acompanhamento do processo de identificação da comunidade do Barranco da Praça 14 como quilombo urbano. Teria realizado ainda a recomendação nº 18/2013/5º Ofício Cível à Fundação Cultural Palmares (FCP), tendo em vista a instauração do processo de certificação e a realização de visita técnica que teria acontecido no dia 22 de fevereiro de 2014, ao mesmo tempo teria sido aberto o processo administrativo nº 01420.015560/2013-11 na instituição.

Após esse momento, parte dos membros da comunidade teriam providenciado a documentação necessária e encaminhado a FCP. Ainda no de 2014, o Diário Oficial da União teria publicado em 24 de setembro a auto definição da Comunidade do Barranco como remanescente de quilombo, através da Portaria Nº 104, de 23 de setembro de 2014.²¹ Devemos pensar que o reconhecimento quilombola é um ponto de partida para pensar uma série de questões e desdobramentos que vão acontecer na comunidade, Jamily Silva em seu relato ressalta que a partir desse momento teriam ocorrido mudanças significativas:

Depois da nossa certificação, com a ajuda do MPF, nós passamos a ter mais visibilidade e até muito mais respeito. Nós deixamos de ser o 'barranco da negada' para sermos reconhecidos como um quilombo

²⁰ SILVA, Jamily Souza da. Entrevista concedida a Karollen Lima da Silva. Manaus, 21 de fev. 2018.

²¹ BRASIL. Portaria Nº 104, de 23 de setembro de 2014. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 set. 2014. Disponível em URL: < <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/77122315/dou-secao-1-24-09-2014-pg-21>> Acesso em 05 set. 2017.

urbano. Agora temos visitas todos os sábados, mais movimentação, para apreciar nosso artesanato, culinária... E nosso pagode também virou tradição. Fazia tempo que aqui na Praça 14, nós não tínhamos um pagode de raiz. Mas agora as pessoas dizem 'o samba voltou ao seu lugar'.²²

A partir disso, podemos pensar que a certificação teria ocasionado uma mudança qualitativa. Antes a comunidade negra era visualizada de forma pejorativa e racista e após a certificação são esses sujeitos se tornam quilombolas reconhecidos pelo Estado Brasileiro. Através do relato da quilombola Rafaela Fonseca podemos contemplar alguns aspectos desse processo:

Tem a certificação? Tem, é... a certificação ela mudou pra várias coisas porque antigamente aqui era muito discriminado, a gente ainda sofre na verdade discriminação, é aquela discriminação que meio eles falam e a gente vê que é um pouco disfarçado, mas sofre, se for prestar a atenção a gente sofre todo tempo discriminação.²³

É certo que a forma como a comunidade é vista se modifica, porém ainda assim, há a persistência do racismo e discriminação. Dessa forma, não podemos afirmar que houve uma transformação total na recepção da sociedade frente a essa questão, a visibilidade não trouxe consigo a atenção a demandas primordiais para os quilombolas, como o reconhecimento da festa como patrimônio cultural imaterial, a construção da capela de São Benedito e de um espaço cultural equipado para promoção de atividades de integração social e cultural.

Com a certificação quilombola teve-se a valorização das manifestações afros da comunidade. Através disso houve o fortalecimento dos movimentos sociais e culturais já existentes e a emergência de outros que vão protagonizar a luta política e social do quilombo, esse aspecto pode ser visualizado através da criação da Associação Crioulas do Quilombo de São Benedito que teria surgido logo após o reconhecimento.

A associação traz um enfoque no papel da mulher e em seu protagonismo na comunidade, no aspecto prático tem-se a produção de artesanatos e comidas que são comercializadas no local. A partir disso, teria havido um crescimento do movimento,

²² MPF. **Conte sua história: Jamilly Souza da Silva**. Disponível em URL: <<http://www.mpf.mp.br/am/projetos-especiais/memorial/conte-sua-historia/jamily-souza-da-silva>>, Acesso em 20 set 2018.

²³ SILVA, Rafaela Fonseca da. Entrevista concedida a Karollen Lima da Silva. Manaus, 21 de fev. 2018.

demonstrando um protagonismo feminino, segundo a tesoureira da associação e quilombola Rafaela Fonseca:

De todo mundo aqui dentro no quilombo, diariamente a gente tá batalhando, tá mudando a história, porque na verdade a gente vê que as mulheres elas se sobressaem mesmo, a gente não gosta muito de falar, mas é importante falar que o empoderamento da mulher aqui de dentro do quilombo, através da associação, dessa união né? Da gente como associação com as associadas e só veio agregar os valores, a gente vê que a luta foi muita, mas que com a contribuição das associadas, das mulheres principalmente, porque além de serem associadas são mulheres, então saber que é uma grande vitória das mulheres estarem juntas, porque tem várias situações dentro mesmo da associação de mulheres que não sofreram abuso, mas tem mulheres que sofreram...

A associação Crioulas do Quilombo passou a impulsionar atividades socioculturais na Comunidade do Barranco, promovendo ainda a integração das mulheres na luta contra situações de violência e na defesa de seus direitos. Um dos aspectos evocados para a luta política no presente é a ancestralidade negra principalmente através do exemplo de mulheres como Maria de Lourdes Fonseca “Tia Lurdinha” que era quituteira e por muito tempo esteve a frente dos festejos de São Benedito, enfrentando inúmeras dificuldades. Além dela, temos a figura de Jacimar Souza, a “Tia Cimar” que também esteve na coordenação da festa do santo preto e Maria Severa Nascimento Fonseca, a Vó Severa que teria sido a pioneira de tudo através da sua vinda em fins do XIX trazendo a imagem de São Benedito.

Essas trajetórias femininas tiveram maior visibilidade com a iniciativa das Crioulas do Quilombo de São Benedito no empreendimento da recuperação da história e memória da comunidade. Maria Severa, Paula Maria da Fonseca, “Vó Altina”, Maria de Lourdes da Fonseca, entre outras mulheres significativas, estão presentes nas memórias das pessoas mais antigas que tem relatado as vivências cotidianas de suas mães, avós, bisavós e tias que exerceram diversos ofícios, como lavadeiras, passeadeiras, quitandeiras e cozinheiras, além de serem devotas do santo preto.

O movimento de mulheres tem se fortalecido e assumido a frente das atividades realizadas na comunidade negra. No sábado são realizadas exposições dos artesanatos produzidos no Stand das Crioulas do Quilombo na Avenida Japurá nº1362,

além da realização de cursos para promoção de emprego e renda, rodas de estudos acerca de temas relacionados à história do Quilombo de São Benedito, as mulheres em geral, ressaltando sua importância na dentro comunidade.

Durante o sábado também acontece o Pagode do Quilombo que foi um espaço cultural criado após o reconhecimento quilombola. O pagode se localiza na Avenida Japurá e conta com roda de samba, feijoada e a venda de quitutes que acontecem ao longo do dia, nesse interim teria surgido o grupo de pagode Pão Torrado composto por membros quilombolas e de outras localidades. Esses movimentos demonstram que a cultura negra tem sido ativada como forma de legitimação identitária, onde se tem os festejos de São Benedito, as Crioulas do quilombo através do artesanato e da culinária e o Pagode do quilombo, entre outras comemorações que são feitas na comunidade, entendemos que:

A cultura negra possibilita aos negros a construção de um “nós”, de uma história e de uma identidade. Diz respeito à consciência cultural, à estética, à corporeidade, à musicalidade, à religiosidade, à vivência da negritude, marcadas por um processo de africanidade e recriação cultural. Esse “nós” possibilita o posicionamento de negro diante do outro e destaca aspectos relevantes da sua história e de sua ancestralidade.²⁴

A ativação dessa cultura negra possibilitou o reconhecimento do Quilombo Urbano do Barranco de São Benedito como Patrimônio Cultural Imaterial do Amazonas em 2015. O processo teria iniciado através da iniciativa do deputado estadual à época Bosco Saraiva que elaborou o projeto de lei ordinária de Nº 81/2015, que teria sido aprovado por unanimidade em 23 de junho deste mesmo ano. Essa premissa possibilitou ampliar a visibilidade ao festejo e a comunidade, contudo não atendeu a expectativa dos comunitários em relação à viabilização de recursos para a manutenção do festejo.

É importante salientar que apenas a comunidade foi reconhecida enquanto patrimônio imaterial, a festividade até o momento não foi registrada enquanto bem cultural. A devoção a São Benedito tem sido realizada há cerca de 129 anos e permitiu agregar inúmeras famílias descendentes de maranhenses e ex-escravizados. A partir disso, consideramos o festejo do santo preto enquanto um espaço de resistência dos

²⁴ GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**. n. 23, 2003, p.79.

grupos negros do Amazonas, portanto, salientamos a importância e necessidade do registro da festa enquanto bem cultural imaterial, tendo em vista viabilizar recursos junto ao governo federal para a manutenção dessa tradição festivo-religiosa.

Conclusão

A festividade de São Benedito é uma herança de maranhenses e ex-escravizados que tem sido transmitida há mais de um século na comunidade do Barranco. No processo de certificação quilombola da Fundação Palmares vemos a ativação desse patrimônio cultural e a evocação das histórias e memórias, tendo em vista a legitimação da identidade étnica dos quilombolas de São Benedito.

Consideramos a certificação enquanto um ponto de partida para pensarmos as inflexões que serão geradas na comunidade negra. Um dos desdobramentos gerados a partir desse acontecimento segundo os relatos quilombolas é a forma como os mesmos passam a ser visualizados perante a sociedade e por si mesmos, tendo em vista que antes a comunidade era vista como o “barranco da negrada” e após a certificação passaram a ser reconhecidas os quilombolas de São Benedito. Outro aspecto resultante desse processo foi a criação da associação de mulheres Crioulas do Quilombo que fortaleceu o protagonismo feminino na comunidade, além de promover atividades socioculturais.

A criação do espaço cultural Pagode do Quilombo e o reconhecimento pelo Governo do Estado do Amazonas a comunidade negra como Patrimônio Cultural Imaterial também se enquadram enquanto desdobramentos do reconhecimento quilombola. A partir desses aspectos compreendemos que a certificação da FCP empreendeu uma reconfiguração na comunidade e no festejo do santo preto que afetaram fundamentalmente as formas de organização dos quilombolas de São Benedito. Consideramos ainda que esse processo de transformações tem continuidade na comunidade negra.

Referências bibliográficas

ABREU, Martha, Cultura imaterial e patrimônio nacional: uma nova leitura sobre o passado cultural brasileiro. Alguns comentários sobre o decreto 3.551 de 2000, In:

Soihet, R., Gontijo, R. Abreu, M. **Cultura política e usos do passado**. Civilização Brasileira, 2007.

ABREU, M. e MATTOS, H. “Remanescentes das Comunidades dos Quilombos”: memória do cativo, patrimônio cultural e direito à reparação. In: Mauad, Almeida e Santhiago, **História Pública no Brasil**. São Paulo, Letra e Voz, 2016.

BARTH, F. Grupos Étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. **Teorias da etnicidade**. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth, Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenard. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

GARCIA, Canclini, N. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n.23, 1994.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**. n. 23, 2003

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Cultos de Santos & festas profanos religiosas**. Manaus: Imprensa Oficial, 1983.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. (org) Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais, Rio de Janeiro, Mana 1998.

RIOS, Ana Maria e MATTOS, Hebe. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. **Topoi**, v.5, n.8, jan.-jun.2004.

SILVA, Jamily Souza. A festa de São Benedito no bairro da praça 14. In: SAMPAIO, Patricia (Org.) **O fim do silêncio: presença negra na Amazônia**. Belém: Editora Açáí/CNPq, 2011.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987.